

O IMPORTANTE PAPEL DO TUTOR NO TRATAMENTO DA DERMATITE ATÓPICA EM CÃES

THE IMPORTANT ROLE OF TUTOR IN THE TREATMENT OF ATOPIC DERMATITIS IN DOGS

¹NETTO, A.E.P.; ¹SILVA, D.A.; ¹ONO, L.; ¹BUENO, E.M.M.; ²COSTA, I. B.

¹Discentes do curso de Medicina Veterinária das Faculdades Integradas de Ourinhos-FIO/FEMM

²Docente do curso de Medicina Veterinária das Faculdades Integradas de Ourinhos-FIO/FEMM

RESUMO

A dermatite atópica é a segunda doença alérgica mais comum em cães que causam reações na pele do animal. É muito comum seu aparecimento em determinados períodos, mas esta posteriormente evolui para uma doença que persiste por todo o ano. É uma doença hereditária, ou seja, que já nasce com o animal se prolongando por toda a vida. Há muita dificuldade em se eliminar todos os fatores que causam a reação alérgica e por isso é importante que o tratamento seja para a vida toda. Cães de todas as raças podem ser predisponentes, mas algumas raças apresentam maior predisposição genética. Justifica-se a pesquisa sobre o tema justamente por se tratar de uma doença sem cura, cuja existência de um exame laboratorial capaz de traçar um diagnóstico direto ainda não é possível, se fazendo necessário diagnosticar por eliminação. O objetivo deste trabalho foi através de referencial teórico baseado em livros e artigos tanto físicos como on-line, demonstrar a importância da participação do tutor no tratamento que é multifatorial e será realizado no intuito de melhorar a qualidade de vida do cão atópico. Os proprietários devem receber orientações do médico veterinário a respeito dos fatores que podem ocasionar crises de coceira, assim como os medicamentos mais indicados para o tratamento, uma vez que alguns podem causar efeitos colaterais. Os fármacos mais comuns são a prednisona, a clemastina, a ciclosporina e a pentoxifilina. Pode concluir-se assim como é importante o papel do médico veterinário no tratamento da dermatite atópica, mas da mesma forma é importante o papel do proprietário do cão doente para que se atinjam os resultados esperados uma vez que esta é uma doença crônica que necessita de um acompanhamento para que se evitem as crises e transtornos oferecidos pelo tratamento.

Palavras-chave: Tutor. Cães. Acompanhamento. Veterinário. Dermatite Atópica.

ABSTRACT

Atopic dermatitis is the second most common allergic disease in dogs that cause reactions in the animal's skin. It is very common its appearance in certain periods but later develops into a disease that persists throughout the year. It is a hereditary disease, that is, that is born with the chronic animal, which lasts for a lifetime. There is much difficulty in eliminating all the factors that cause the allergic reaction and so it is important that treatment is for life. Dogs of all breeds may have a genetic predisposition although some breeds have a greater predisposition. Justified research on the subject precisely because it is an incurable disease whose existence of a laboratory test that can trace a direct diagnosis is not possible, it is necessary to diagnose by elimination. The objective of this work is that through theoretical framework based on books and articles both physical and online to demonstrate the importance of participation by the owner of the treatment is multifactorial and will be held in order to improve the quality of life of atopic dog. Tutor should receive guidance from your veterinarian about the factors that can cause itching crises, as well as the drugs most suitable for treatment, since some can cause side effects. The most common are prednisone, clemastine, cyclosporine and pentoxifylline. It can be concluded as it is important the role of the veterinarian in the treatment of atopic dermatitis, but just as important is the role of the sick dog owner to the achievement of the expected results since this is a chronic disease that requires monitoring in order to avoid crises and disorders offered by the treatment.

Keywords: Tutor. Dogs. Monitoring. Veterinarian. Atopic Dermatitis.

INTRODUÇÃO

Muitas pessoas gostam de ter animais de estimação, porém possuir um animal, seja por adoção ou pela compra, envolve uma grande responsabilidade que a pessoa precisa estar ciente no momento que toma a decisão de levar o animal para casa.

Ter um animal de companhia exige diversos cuidados, pois trata-se de uma outra vida, e uma vida que depende do seu dono, portanto, sendo este o principal responsável pela qualidade e manutenção desta vida. Um animal não é um brinquedo do qual se pode desfazer quando não mais interessar, eles precisam de atenção e principalmente de cuidados quando ficam doentes.

Dos problemas de saúde que acometem cães com mais frequência, se destacam dermatites (TUBALDINI, 2014).

Para tal, cabe neste estudo algumas definições para um maior esclarecimento. Começando-se então pela definição de alergia. Ela é descrita como uma sensibilidade extrema a algum elemento estranho chamados de alérgeno, o qual o corpo luta liberando suas defesas imunológicas excessivamente. Os principais alérgenos para cães atópicos são a poeira e o pólen, apesar de parasitas e de alimentos também poderem desempenhar algum papel (CHARRO, 2012).

Outra definição que contribui para este estudo é a de Vetsete (2014) em que define as alergias cutâneas como também sendo chamadas de dermatites alérgicas, e que são doenças que se caracterizam por reações de hipersensibilidade a substâncias agressoras conhecidas como alérgenos e que se manifestam na pele. Desta forma, como nós humanos, os cães também são suscetíveis a sofrer por alergias de pele e estas podem ser variadas, como alergias provenientes por alimentos, alergias por picadas de insetos como pulgas, dermatite de contato e também a dermatite atópica.

Furniss (2010) citou atopia como uma predisposição genética para o desenvolvimento de alergias aos fatores ambientais, que afetam tanto o homem quanto os animais. No cão, normalmente se manifesta como uma doença de pele inflamatória, pruriginosa, crônica e frequentemente, chamada de dermatite atópica, foco deste estudo.

A Dermatite atópica Canina, também conhecida pela sigla (DAC) é uma doença de pele de caráter genético e inflamatório (DEBOER, 2004). A DAC então nada mais é do que uma doença inflamatória da pele que apresenta eczemas e descamação e que é produzida por algum tipo de alteração do sistema imunológico, sendo mais sucinto, é realmente um tipo de alergia (SOUSA; MARSELLA, 2001).

Nesta doença, o paciente, neste caso o cão, se torna muito sensível a antígenos provenientes do ambiente através da formação de anticorpos IgE que resultam na afecção alérgica com prurido (WHITE, 1998).

A atopia é a parte que explica a hereditariedade, pois se trata de uma

predisposição genética para que se desenvolvam alergias à partir de fatores ambientais que afetam não só animais como pessoas. No caso desse estudo, com foco nos cães, ela tem uma manifestação inflamatória na pele com prurido, de caráter crônico, sendo assim denominada de dermatite atópica (CHARRO, 2010).

A coceira vai levar o cão a lambem o local afetado, a se friccionar, arranhar se e até mastigar o tempo todo na tentativa de aliviar essa sensação incomoda. A coceira advém da inflamação na pele que surge como uma erupção avermelhada que poderá ser localizada ou generalizada (FURNIS, 2010).

Apesar de poder ser generalizada, quando localizada, algumas áreas são mais comuns de serem afetadas como: a face, os lábios, os olhos, os ouvidos, assim também como nas extremidades em espaços interdigitais, tarso, carpo, e nas dobras de pele como as axilas, virilha, períneo e na região da barriga (CASTRO, 2010).

É preciso que o dono do cão procure ajuda rapidamente para que se inicie um tratamento que impeça um estado inflamatório crônico. Devido a este sintoma da coceira, na busca de aliviar, o cão pode causar ferimentos em si mesmo e afetar profundamente a saúde do cão. Pelo comportamento de lambem constantemente, a pele do cão também pode ficar avermelhada e quebradiça nas partes em que a doença afetou além de causar ulcera na pele, ficar espessa e escura com uma aparência grosseira (TUBALDINI, 2014).

O animal que apresenta a atopia foi bastante sensibilizado em algum momento de sua vida para algum alérgeno ou até mais que um deles advindos do seu próprio ambiente cotidiano assim como tão provavelmente de sua alimentação. O corpo deste animal, aprendeu a reconhecer estes alérgenos e assim a cada vez que há uma nova exposição, há uma reação violenta que resulta na reação alérgica cutânea (CHARRO, 2010). Assim, por ter fatores genéticos fortes envolvidos, fica claro como estas sensibilidades são transmitidas hereditariamente. Com isso, é possível criar linhagens de cães atópicos, através da sensibilização prematura com pequenas quantidades dos alérgenos. Da mesma forma, atualmente há determinadas raças conhecidas como mais propensas ao desenvolvimento deste problema.

METODOLOGIA

Este estudo foi baseado em uma revisão da literatura, sendo um referencial teórico que tratou do tema de dermatite atópica canina. Para tal, foram utilizados materiais diversos, como livros, artigos e outras publicações tanto de base física quanto

virtual que trataram do assunto e que assim de alguma forma contribuíram para o desenvolvimento dessa pesquisa.

É importante que em uma pesquisa haja uma fundamentação teórica que de base ao tema proposto e o valide cientificamente, portanto, optou-se por este tipo de método nesta pesquisa.

DESENVOLVIMENTO

Neste tipo de doença, já foi citado que há uma predisposição de algumas raças específicas e elas são de acordo com Charro 2010: Boxer; Poodle; Pug; Lhasa Apso; Golden Retriever; Schnauzers; Bulldogs; Shar Pei; Dálmata; Beagle; Pastor Belga; Pastor Alemão; Shi-Tzu; e Labrador.

Ainda assim, apesar destas raças serem mais suscetíveis, a dermatite atópica canina pode atingir cães de qualquer raça e a qualquer momento da vida do animal, podendo advir de fatores muito variados que são os desencadeadores. Dentre estes, há ainda os facilitadores como as pulgas, produtos químicos, ou ainda fatores de questões hormonais ou psicológica do animal (CASTRO, 2010).

Nos casos relatados em filhotes, é muito comum que a dermatite tenha surgido por fungos ou micoses que se aproveitam de um momento em que o animal apresenta uma baixa resistência. E como já citado, as pulgas também são grandes vilãs para os filhotes para lhe causar o problema da dermatite. (THOMPSON, 1997).

A dermatite não é o tipo de doença que surge após o primeiro contato do animal ao agente desencadeante, mas somente após diversas exposições é que ocorrerá o aparecimento de sintomas e só neste momento que se consegue identificar que ao se expor a determinada substância ou situação, ela não é benéfica ao animal e desta forma, o organismo dele começa então a produzir anticorpos contra o que o está incomodando. (GORMAN, 2007).

O tempo para que isso ocorra pode variar de animal para animal, podendo ser desde dias até meses ou anos. Por este motivo é um erro muito comum quando o dono acredita que o que está causando o problema no animal é algo novo a que ele teve contato e nunca que o desencadeador possa ser algo com o qual já convive. (GORMAN, 2007).

Portanto, alguns comportamentos de prevenção podem ser aconselháveis, como sugere Zanon (2008):

Evitar substâncias consideradas irritantes, como produtos químicos em geral, porém,

se o uso for realmente necessário, passar um pano umedecido com água após a utilização. É essencial que o animal nunca esteja no ambiente durante a utilização destes produtos;

Evitar contato com a poeira ou fumo;

Locais da residência em que o animal passar a maior parte do seu tempo devem ser abertos e arejados, sem muitos itens como animais de pelúcia, cortinas, carpetes e móveis em geral;

Produtos direcionados aos animais devem ser preferencialmente de algodão, e portanto, deve-se evitar lãs e tecidos sintéticos além de buscar higienizar seus pertences como camas e cobertores, sempre com água quente e produtos neutros;

Evitar o contato dos cães com grama; Proteger os animais das mudanças bruscas de temperatura também ajuda o animal a se sentir bem, pois principalmente os que já apresentam os sintomas sofrem bastante com extremos de temperatura e umidade.

Após a coceira, e até mesmo proveniente dela, vem os outros sintomas como lesões, feridas e também quedas de pelo em áreas específicas do corpo do animal. Existem diversas formas de tratamento para a dermatite atópica, mas realmente não existe uma cura. Desta forma o foco do tratamento é o de controle dos sintomas visando uma qualidade vida do animal para que não tenha nenhuma complicação maior ou colateral do próprio tratamento. (MARSELLA, 2006).

A primeira opção em que se pensa em um tratamento com uma doença com sintomas alérgicos é evitar o contato com o que causa a alergia, mas isso não é tão simples e muitas vezes nem mesmo é possível. Porém, quanto mais alérgenos for possível se ter controle, ou seja, se evitar o contato, mesmo que seja diminuindo apenas a frequência com que se é exposto a ele, pode-se também controlar a atopia e frequência dos sintomas. Outra opção ainda é uma terapia de dessensibilização (TUBALDINI, 2014).

Existem também os medicamentos para o tratamento, o caso dos corticosteroides, que aliviam o prurido e a inflamação, mas que acabam aumentando a sede, a urina, o peso do animal, além de uma predisposição a doenças endócrinas mais graves como Síndrome de Cushing e Diabetes Mellitus (TUBALDINI, 2014).

Outro medicamento é a ciclosporina. Um novo tratamento via oral, específico para a dermatite atópica. Já teve comprovações de que garante bons resultados no alívio dos sintomas e sem ter os efeitos colaterais indesejados. (THOMPSON, 1997).

Já no caso de anti-histamínicos, existem diversos tipos e na busca do mais

adequado e que cause menos efeitos colaterais, a única opção é experimentar vários até descobrir o mais satisfatório para o animal em questão. Estes medicamentos tem um ótimo controle do prurido (SCOTT, 2001).

Também é comum a utilização de ácidos graxos que possuem características de ação anti-inflamatória. Servem de suplementos nutritivos para os animais e tem grande utilidade como auxiliares no tratamento. (CHARRO, 2010).

Ainda dentre as opções, têm-se o tratamento medicamentoso local que consistem basicamente em loções e soluções para serem aplicadas diretamente na área atingida. Tem a grande vantagem de oferecer um alívio rápido dos sintomas, mas em contrapartida são resultados de curta duração. (CASTRO, 2010).

Outro ponto essencial para cuidar do animal nestes casos é fazer um tratamento rigoroso contra pulgas e demais parasitas que são comuns em causarem alergia e até outros problemas aos animais, pois principalmente num cão atópico qualquer situação que agrida a pele dele, vai contribuir para que seu quadro se agrave (FURNISS, 2010).

Ainda há como tratamento e/ou prevenção a opção de dietas. A dieta de exclusão, por exemplo, em que se utiliza fontes de proteína e de carboidratos com os quais o animal nunca teve contato, por um período de oito a doze semanas e aguardar a melhora dos sintomas. Caso isso ocorra, deve se então reintroduzir alimentos da antiga dieta um a um para descobrir qual deles provoca a doença. (FURNISS, 2010).

Um grande obstáculo aos proprietários é o valor deste tipo de ingredientes além do tempo que é necessário para prepará-los. Outro ponto difícil é quanto ao fato destas refeições não serem corretamente balanceadas e para animais que estão em fase de crescimento isso pode ser um problema, principalmente porque são cães nessa fase da vida quem mais apresentam problemas de dermatite atópica. (SCOTT, 1996).

Com isso, abre-se para a opção destas dietas já prontas, oferecidas no mercado de alimentos para animais que suprem estas necessidades e são voltados especificamente para o tratamento de alergias por alimentos (FURNISS, 2010).

A vantagem destes alimentos também está na base de proteínas utilizadas que são selecionadas e normalmente tem fontes mais incomuns, o que reduz a possibilidade do animal já ter consumido antes este tipo (FURNISS, 2010).

Outra vantagem é que muitos alimentos tem a base em proteínas hidrolisadas que são proteínas que já sofreram uma transformação de enzimas que também as torna não alérgicas. Este princípio foi conhecido na alimentação humana há alguns anos, no leite para crianças alérgicas, por exemplo (FURNISS, 2010).

Por fim, um assunto que ainda gera controvérsias é quanto a fatores psicológicos dos animais interferirem nos sintomas com alegações de diversos donos de cães atópicos de que houve uma piora da situação devido a fatores estressantes pelos quais os cães passaram. Mas sabe-se que a coceira constante causa uma mudança no comportamento dos animais e os deixa ansiosos o que os pode levar a piorar os sintomas. Sendo assim é sempre bom que os donos fiquem atentos a situações estressantes para seus cães e as tente evitar de qualquer forma (CASTRO, 2010).

De qualquer forma não se viu muitos resultados em cães que tinham um quadro grave da doença apenas com as mudanças em dieta, banhos e mudança ambiental. Sendo assim, para este tipo de caso a recomendação é a de uma terapia tópica que pode ser associada ou não a uma sistêmica (CHARRO, 2010).

Neste ponto cabe destacar a importância também do médico veterinário a quem cabe a indicação do melhor tipo de tratamento para a dermatite atópica canina, pois cada animal terá uma forma de responder aos tratamentos e o médico precisará fazer o acompanhamento de exames laboratoriais periódicos para analisar os efeitos colaterais resultantes de alguns medicamentos que podem ser graves. (FURNISS, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se considerar a dermatite atópica canina como um problema grave para estes animais devido ao seu caráter crônico, mas que há possibilidades em tentar minimizar os efeitos dos sintomas no animal, priorizando a qualidade de vida e saúde dele. Sem dúvida o papel do proprietário é de suma importância desde a descoberta do problema, o dia a dia e o tratamento em si da doença. É o proprietário quem alimenta e convive com o animal e, portanto, responsável pelo local onde ele vive e pelo que lhe é servido como alimento, além de ser quem o dá banho ou define onde ele toma estes banhos. Assim, estando com o controle sob a vida do cão, cabe a ele o papel de proteger e zelar pelo bem estar do seu animal. Nas questões mais específicas relacionadas à saúde ou diretamente aos problemas de dermatite atópica, cabe a ele a busca de um acompanhamento com um médico veterinário que será capaz de dar todo suporte necessário a manutenção da boa qualidade de vida do cão e orientar o proprietário no que julgar pertinente. Face ao exposto, a dermatite atópica é hoje uma doença de grande importância na clínica veterinária. Assim sendo, o estabelecimento do diagnóstico e da terapia apropriada são os pontos-chaves para o controle da mesma

(CASTRO, 2010).

REFERÊNCIAS

ALVES, F. A. R.; AMANO, L. Y.; MARINO, C. T. Alergias: uma visão geral. **Nosso Clínico**, São Paulo, v.5, n. 28, p. 14-20, jul./ago. 2002.

CASTRO, R. C. (2010). **Dermatite atópica canina**. Disponível em: <<http://www.provet.com.br/artigo/especialidades/dermatite-atopica-canina/12/>>. Acesso em: 07 ago. 2016.

CHARRO, F. (2010). **Dermatite atópica canina**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/doencas-animais/dermatite-atopica-canina/>>. Acesso em: 08 ago. 2016.

DEBOER, D. J. **A dermatite atópica canina**: novas metas, novas terapias. Madison: Sociedade Americana de Ciências da Nutrição, 2004.

FURNISS, G. Dermatite atópica canina. **Rev Focus Auxiliar. Royal Canin**, jan. 2010 p. 3- 26.

GORMAN, N. T. **Imunologia. Tratado de medicina interna veterinária**. 4.ed. São Paulo: Manole, 1997. v. 2, p. 2735-2765.

KWOCHKA, K. Distúrbios cutâneos e auditivos. In: **Manual saunders**: clínica de pequenos animais. São Paulo: Roca, 1998. Seção 5, cap. 1, p. 309-306.

MARSELLA, R. Atopia: novas metas e novas terapias. *Clínicas veterinárias de prática a pequenos animais*, Philadelphia, v. 36, n. 1, p. 161-174, 2006.

MARSELLA, R.; SOUSA, C. A. O ACVD força-tarefa sobre a dermatite atópica canina: Fenômeno limiar e somatório de efeitos. **Imunologia Veterinária e Imunopatologia**, Amsterdam, v. 81, n. 3-4, p. 251-253, 2001.

SCOTT, D. W.; MILLER, W. H.; GRIFFIN, C. E. **Dermatologia de pequenos animais**. 5.ed. Rio de Janeiro: Interlivros, 1996.

THOMPSON, J. P. **Moléstias imunológicas**. Tratado de medicina interna veterinária. 4.ed. São Paulo: Manole, 1997. v. 2, p. 2766-2802.

TUBALDINI, R. (2014). **Quinze agentes de dermatite em cães que você pode ter em casa**. Disponível em: <<http://www.cachorrogato.com.br/cachorros/dermatite-caes/>>. Acesso em: 07 ago. 2016.

VETSET HOSPITAL VETERINÁRIO (2014). **Dermatite atópica canina**. Disponível em:<http://www.vetsete.com/admin/banners/201407071608dermatite_atopica_canina_pdf.pdf>. Acesso em 08 ago. 2016.

WHITE, P. D. Atopia. In: **Manual saunders**: clínica de pequenos animais. São Paulo: Roca, 1998. p. 343-351.

